

ECOPENTECOSTALIDADE: TEOLOGIA ECOLÓGICA PENTECOSTAL¹

Ecopentecostality: pentecostal ecological theology

André Luís da Rosa²

RESUMO

O presente artigo possui o objetivo de provocar a reflexão ecológica no meio pentecostal brasileiro. Para que isso se torne possível, faz-se necessário uma releitura da teologia da criação difundida no pentecostalismo à luz das recentes pesquisas ambientalistas. Como a pneumatologia é o coração da teologia pentecostal, busca-se, neste artigo, a fundamentação pneumática da teologia ecológica de Leonardo Boff, para que o pentecostalismo compreenda a ação do Espírito Santo em todo o Universo. Propõe-se uma espiritualidade ecológica para o pentecostalismo, já que este dá grande ênfase à experiência religiosa. E, reflete-se a importância do diálogo do pentecostalismo com outras Igrejas, religiões e culturas sobre a atual situação da Terra. Assim, o pentecostalismo contribuirá através de sua visão de mundo com o cuidado da casa comum da humanidade.

Palavras-chave: Ecologia; Pentecostalismo; Espiritualidade ecológica; Ecopentecostalidade.

ABSTRACT

The present article aims to provoke ecological reflection in the Brazilian Pentecostal environment. For this to become possible, it is necessary to re-read the theology of creation spread in Pentecostalism in the light of recent environmental research. As pneumatology is

¹ O artigo foi recebido em 28 de março de 2016 e aprovado em 13 de julho de 2017 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² O autor é seminarista católico. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, no Espírito Santo. Graduado em Filosofia pela Faculdade São Luiz de Brusque, Santa Catarina. Graduando em Teologia pela Faculdade Católica de Santa Catarina, em Florianópolis, Santa Catarina. Contato: andreldarosa@hotmail.com.

at the heart of Pentecostal theology, seeks out in this article the pneumatic foundation of Leonardo Boff's ecological theology, so that Pentecostalism understands the action of the Holy Spirit throughout the Universe. It proposes an ecological spirituality for Pentecostalism, since this gives great emphasis to the religious experience. And, the importance of Pentecostalism's dialogue with other churches, religions and cultures on the current situation of the earth is reflected. Thus, Pentecostalism will contribute through its world view with the care of the common house of the humanity.

Key-words: Ecology; pentecostalism; ecological spirituality; ecopentecostality.

INTRODUÇÃO

A mensagem pentecostal é destinada a toda humanidade e a toda a criação. Porém, a teologia pentecostal pouco contribuiu, até o presente momento, para uma visão eco-pentecostal da criação. Crê-se que a experiência do Espírito Santo vivenciada no pentecostalismo pode contribuir para uma profunda espiritualidade ecológica, tão urgente no contexto atual, por isso, o presente ensaio é denominado *ecopentecostalidade*. A *pentecostalidade* sustenta qualquer expressão do pentecostalismo, e refere-se diretamente à experiência do Espírito Santo. O termo *ecologia* é entendido como a parte da biologia estudando das relações entre os seres vivos e o meio ou ambiente. A palavra ecologia também é usada para expressar a crescente consciência ética sobre o respeito a todos os seres vivos, para manter o equilíbrio do ecossistema e tornar possível um desenvolvimento sustentável.³ Assim, a *ecopentecostalidade* é a busca por uma fundamentação pentecostal à ecologia, uma identificação da ação do Espírito Santo em todo o universo, a qual conduza os adeptos deste movimento a uma nova forma de sentir e relacionar-se com a Terra. Sem dúvida é apenas um pequeno passo, melhor seria dizer, uma motivação, a

³ Cf. LIBANIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2010. p. 266.

fim de que os teólogos pentecostais debruçem-se sobre esta temática tão atual e necessária.

A teologia pentecostal deve superar fundamentalismos e abrir-se a um fecundo diálogo de sua visão de mundo com a cosmologia contemporânea. Para que sua doutrina não seja ingênua ou até mesmo, poder-se-ia dizer, infantil, diante da ciência, avançada cada vez mais em suas pesquisas, a fé pentecostal necessita dialogar com a mesma. Aqui, propõe-se, especialmente, pensar uma teologia pentecostal a partir do contexto de crise ecológica na qual se vive. Pois, o movimento meio-ambiental em todo o mundo significou um desafio para os pensadores refletirem sobre algumas posições, categorias e valores, tradicionalmente usados para compreender o mundo e nossa maneira de interagir com ele.⁴ Neste período urgente por encontrar soluções aos problemas ecológicos, também a teologia e a práxis pentecostal devem rever sua atitude diante do mundo, pois não estão desencarnados da realidade, e os problemas ecológicos também os alcançam. A ecologia torna-se, efetivamente, um lugar teológico para os pentecostais ocupados com a atividade teológica, a partir de sua experiência específica de fé.

Como creem os pentecostais: “O Espírito do Senhor enche todo o universo” (Sb 1,7); então, como alguém, uma vez tendo vivenciado a experiência do batismo com o Espírito Santo, e crê estar cheio Dele, pode permanecer indiferente diante de tantos crimes contra a criação, obra do próprio Espírito? Como não sentir-se intimamente unido a Terra pela ação do Espírito Santo, o qual perpassa todas as coisas? Como não proteger a vida de nosso planeta se o Espírito é o Senhor que dá a vida?

⁴ Cf. VIDAL, Marciano (Org.). *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 786.

1 A VISÃO DE MUNDO DA TEOLOGIA PENTECOSTAL

Para o conhecimento da visão de mundo pentecostal, utilizou-se de três teologias sistemáticas em perspectiva pentecostal publicadas no Brasil: *Teologia sistemática Pentecostal*, de Antônio Gilberto (Ed.); *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*, de Stanley M. Horton; e *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*, de J. Rodman Williams. Em nenhuma destas três teologias encontramos uma leitura ecológica da teologia da criação, apenas a doutrina tradicional da criação.

Na teologia sistemática editada por Antônio Gilberto, há uma afirmação do criacionismo extremo, cujo qual exclui a possibilidade do evolucionismo, mesmo se sucessivo à criação de Deus. E argumenta afirmando: desde o surgimento do *darwinismo*, a narrativa da criação tem sido reavaliada e reinterpretada por muitos teólogos, dando origem a diversos sistemas teológicos e filosóficos tendenciosos. Muitos tentam adaptar o darwinismo à Bíblia; defendem a *creatio ex nihilo* (criação do nada) seguida da evolução, nas longas eras geológicas, ajustando-as aos dias mencionados de Gênesis 1,5 a 2,3.⁵ Entretanto, segundo a teologia sistemática em questão:

o contexto bíblico mostra que o Universo apareceu perfeito, o que chamamos de “Terra original”. [...] Portanto, não há, nas Escrituras Sagradas, nada que apoie o darwinismo e as suas várias interpretações inverídicas. O homem e os animais surgiram na Terra da mesma forma como eles são hoje.⁶

A teologia sistemática de Antônio Gilberto apresenta-se com uma hermenêutica bíblica fundamentalista e sem diálogo com as ciências da natureza e a nova cosmologia. Já a teologia sistemática de J. Rodman

⁵ Cf. GILBERTO, Antônio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 84-86.

⁶ GILBERTO, 2008, p. 86, 88. [Grifo do autor].

Williams apresenta uma maior abertura às recentes descobertas da paleontologia e da biologia na interpretação do relato da criação.

Williams considera a existência de um reconhecimento generalizado por físicos e astrônomos: vivemos num universo em expansão, com todas as galáxias movendo-se para longe umas das outras em velocidade crescente. Por cálculos baseados nessa expansão, as evidências apontam para um momento definido (com números diversos entre 15 e 20 bilhões de anos atrás) em que o universo estava fechado numa massa densa, quase equivalente a nada. Naquele ponto próximo a zero de tempo e espaço, houve uma explosão colossal (chamada de Big Bang) como uma bomba cósmica de hidrogênio, mas com temperaturas de muitos trilhões de graus.⁷ O autor relê Gênesis 1 à luz destes dados da ciência:

esse quadro magnífico do início do universo, se verdadeiro em termos gerais, decerto traz a ciência diretamente para dentro de Gênesis 1. *Houve um princípio do universo.* Mas a ciência não pode ir além. As perguntas, de onde veio aquela bola de fogo primordial que o causou e qual o seu propósito, estão totalmente fora de sua esfera. Causa e efeito podem ser investigados e atribuídos a uma causa de origem - a grande explosão -, mas o que está por trás disso não pode ser certificado pela ciência ou pela filosofia. A resposta da fé bíblica e cristã é: DEUS.⁸

Outra questão de Gênesis 1 abordada por Williams, em diálogo com a ciência, é sobre a questão da criação em seis dias. Ele ressalta: embora Deus pudesse criar o universo em seis dias, como as interpretações fundamentalistas afirmam, parece pouco provável, nem parece característico de Deus, O qual muitas vezes trabalha lentamente, durante longos períodos.⁹ Assim, sua teologia sistemática acredita na interpre-

⁷ Cf. WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011. p. 90.

⁸ WILLIAMS, 2011, p. 90. [Grifo do autor].

⁹ WILLIAMS, 2011, p. 93.

tação preferível de entender os seis dias da Criação como períodos, até eras:

agora é de reconhecimento geral que antes da chegada do homem ao cenário houve longos períodos. Por exemplo, a vida vegetal apareceu muito antes da vida animal, e a vida animal, muito antes da vida humana. Cada um desses “dias” pode ter sido de milhares ou de milhares de milhares de anos.¹⁰

Contudo, Williams também é contrário à teoria da evolução em seus conceitos de “seleção natural” e “sobrevivência das espécies”, pois, segundo o autor, não há evidências adequadas para justificar a existência de formas intermediárias em plantas e animais e nenhuma evidência comprovada de transformação de espécies.¹¹

Por fim, Horton, em sua teologia sistemática, além de apresentar a tradicional teologia da criação, expõe alguns posicionamentos básicos dos evangélicos em relação à cosmologia moderna e apresenta seis conclusões comuns a todas:

1- É impossível a geração espontânea da vida oriunda da não-vida. Os que tentam criar a vida numa proveta usam meios de “armar o jogo” desonestamente a seu favor. 2- Parece que as variações genéticas têm seus limites; não ocorrem em todas as direções, e as mutações sempre são prejudiciais. 3- O processo de formação das espécies pode ser melhor explicado pelo isolamento ecológico que por processos macroevolucionários. 4- O registro fóssil contém lacunas entre formas importantes de organismos vivos, deixando de fornecer elos na cadeia evolutiva [...]. 5- A homologia (semelhanças observadas nos organismos vivos) pode melhor ser explicada por um projeto inteligente e pelo reaproveitamento deliberado de padrões que por alegados ancestrais em comum. 6- Quando os bioquímicos examinam a estrutura do DNA de vários organismos, encontram um padrão aleatório na sua composição química, e não a progressão

¹⁰ WILLIAMS, 2011, p. 93. [Grifo do autor].

¹¹ Cf. WILLIAMS, 2011, p. 96.

incremental que aumenta de acordo com a complexidade – como exige o evolucionismo.¹²

As ênfases mais constantes da teologia da criação pentecostal, presentes nas três teologias sistemáticas analisadas, as quais compõem, de modo geral, sua visão de mundo são: Deus criou o mundo do nada (*ex nihilo*), em detrimento de teorias evolucionistas; o mundo é diferente de Deus, contra qualquer posição panteísta; o homem é o ápice da criação divina, por ser imagem de Deus. Mesmo as teologias sistemáticas de Horton e de Willians sendo mais abertas ao diálogo com a ciência que a de Antônio Gilberto (a única produzida no Brasil), ainda assim, não se faz uma hermenêutica ecológica da teologia da criação, capaz de despertar uma nova postura dos cristãos diante da Terra, sentindo-se um com ela e com todo o universo, ou seja, passar de um antropocentrismo para um cosmocentrismo, de enfatizar a sacralidade da Terra.

2 PNEUMATOLOGIA E ECOLOGIA

A pneumatologia é o coração da teologia pentecostal. A vivência pneumática de suas comunidades eclesiais são, sem dúvida, a grande novidade e contribuição do pentecostalismo a todo o cristianismo. Porém, valendo-se da reflexão do teólogo pentecostal Adriano Lima, analisando a pneumatologia da Igreja Assembleia de Deus, que pode ser aplicada a todo o pentecostalismo, percebe-se o caminho da pneumatologia pentecostal no afastamento do mundo e das questões sociais. O nascente movimento, para vencer os desafios de seu período inicial, como serem excluídos e taxados como ‘nova seita’ por católicos e protestantes históricos e a falta de recursos financeiros, fez a busca por encher-se do Espírito, pois o mundo não possuía nada de bom para lhes oferecer.

¹² HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p. 241. [Grifo do autor].

Assim, desenhou-se uma compreensão do Espírito como aquele que afasta do mundo e aproxima de Deus. Para estar ‘cheio do Espírito Santo’ é preciso afastar-se do mundo e de suas questões sociais. Por essa razão, os principais tratados de pneumatologia pentecostal não enfatizam o engajamento social, a busca da justiça e da paz, como elementos identificadores da presença do Espírito Santo na vida de seus fiéis.¹³

Da mesma forma, as questões ecológicas também não são abordadas pela pneumatologia pentecostal. Este quadro tem a possibilidade de ser revertido por uma pneumatologia integral, como a proposta da teóloga pentecostal Regina Fernandes Sanches, expressando que a pneumatologia pentecostal deveria ser integradora dos vários aspectos da realidade, para que tenha implicações abrangentes e resulte não somente em expectativas de uma realidade por vir, mas em transformação da realidade atual. Com uma abertura ecológica, a estudiosa afirma que, o fato da missão da Igreja ser no Espírito, torna-a uma missão para a vida, não somente das pessoas, mas de toda a criação.¹⁴

Para o cristianismo, a Trindade é o princípio do universo. O Pai, o Filho e o Espírito Santo constituem o único princípio da Criação. Tudo foi criado ‘*pelo Pai*’, ‘*por Cristo*’ e ‘*no Espírito*’, por isso, sem uma doutrina pneumatológica da criação, é impossível uma doutrina cristã da criação. Cada criatura possui os traços de cada Pessoa da Trindade: todo o mistério escondido em cada ser é o Pai fazendo-se aí presente; todo o racional, lógico e sábio presente nas criaturas é o Filho que aí se revela; todo o

¹³ Cf. LIMA, Adriano; BOFF, Clodovis Maria. A pneumatologia realista de Michael Welker: contribuições para a pastoral da Assembleia de Deus. *REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 75, n. 298, p. 351-368, abr./jun., 2015, p. 352.

¹⁴ Cf. SANCHES, Regina Fernandes. Contribuições de uma Teologia Bíblica Integral do Espírito Santo para a Pneumatologia Pentecostal. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 24, 28.

caráter amoroso, gracioso e integrativo notável nas criaturas é o Espírito Santo aí atuando.¹⁵

Contudo, mesmo na mostra de todo cosmos como um jogo de relações, porque é criada a imagem do Deus-Trindade, dizer, a respeito da criação, ser projetada e criada '*no Espírito*' significa analisar na criação as características singulares da Pessoa do Espírito Santo, a qual nos interessa para uma visão de mundo pentecostal relevante às questões ecológicas. Para tanto, vamos nos apoiar no referencial teórico produzido pelo teólogo e ecólogo Leonardo Boff, cujo qual estabelece uma relação entre o Espírito Santo e o universo a partir da nova cosmologia, um tema relativamente novo. Nos tratados de pneumatologia esta questão é quase inexistente, e quando abordada, não se estabelece uma relação com a hodierna visão de mundo.

A tradição judeu-cristã atribui ao Pai, mais particularmente ao Espírito do Pai, a criação e a ordenação do universo. Coloca-o no começo (Gn 1,1; 2,7) e no fim (Ap 22,17). O Espírito é vida e gerador de vida. Tudo foi criado no Espírito e carrega nele os sinais de sua presença e atuação, e o universo, em cada um de seus seres, principalmente nos humanos, é seu campo de ação.¹⁶

Para Boff, o Espírito Santo, por ser Deus, está para além de toda representação e de tudo o que é existente. Mas sua ação, as *energias do Espírito*, como se diz em teologia, sai do círculo trinitário e se projeta para fora. A energia de fundo é uma de suas manifestações. A partir dela, o Espírito atuou no *big-bang*, criando aquele equilíbrio refinadíssimo. Isto permitiu o surgimento da matéria; das grandes estrelas vermelhas; das galáxias e das estrelas de segunda e terceira geração; os planetas; a Terra; os

¹⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *A Trindade a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 270.

¹⁶ Cf. BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 187-188, 191.

seres nela existentes e os seres humanos. Ele empurrava para frente e para cima o processo evolucionário, a cosmo gênese, quer dizer, a gênese do universo, ainda em realização, pois não acabou de nascer totalmente. Ele está atrás de tudo como Propulsor e está a frente como grande Atrator, fazendo com que o universo, apesar dos muitos entrec choques de galáxias e extermi nações em massa do capital biótico, sempre mantivesse uma seta apontando para formas mais complexas e ordenadas de seres.¹⁷

Boff recorda o termo hebraico para espírito: o feminino *ruach*. Estudos recentes têm mostrado que em todas as línguas semíticas a raiz de *ruach* é *rwh*, e significa, não como se admitia usualmente, o sopro ou o vento, mas o espaço atmosférico entre o céu e a terra, calmo ou agitado. Em sentido próprio, *ruach* significa então a ambiência vital onde o ser humano e os animais ou qualquer outro ser vivo bebem a vida. *Ruach* é a força cósmica que tudo pervade e anima. Por isso *ruach*-espírito é colocado na primeira página de Gênesis, a qual relata a criação (Gn 1,2). É importante reter esta constatação: o Espírito está presente desde o início do universo. Primeiramente no cosmos, como um todo, em sua energia seminal, em seus componentes elementares, pois é criação do Espírito; em seguida no mundo físico, pois tudo o que se move é movido pelo e no Espírito; depois no mundo vivo, plantas e animais são penetrados pelo Espírito e suas energias; no ser humano, já que este especialmente é considerado portador do Espírito, pelo fato de possuir interioridade e um dinamismo que o faz princípio de criação e comunicação; especialmente os profetas são homens/mulheres do Espírito, também os líderes carismáticos, os poetas e os místicos; por fim, Deus mesmo se apresenta como Espírito, pois Ele se revela como a energia originária, o verdadeiro meio vital.¹⁸

¹⁷ Cf. BOFF, 2013, p. 188-190.

¹⁸ Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 218-219.

Em sua obra *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, Leonardo Boff apresenta as principais características da ação do Espírito na criação. Em primeiro lugar ele é o *Espírito criador*, pois está presente na primeira criação (Gn 1,2). É ele quem cria, ordena e faz emergir cada coisa ao seu tempo e circunstância. O Espírito, no universo, é o *criador de diferenças e complexidades*, a multiplicidade dos seres, a biodiversidade. A diversidade de energias construtoras do universo remete a diversificada atuação do Espírito que aprecia a diferença. Na comunidade humana doa a diversidade de talentos e na comunidade cristã se faz presente pelos muitos carismas (1Cor 12, 7-11).

Ele também é *princípio de comunhão*. Há diversidade de energias, de partículas, de seres e de formas de vida e de inteligência. Mas existe um só cosmos. Como há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito (1Cor 1, 4). A diversidade e a diferença são para permitir a comunhão e a unidade. O que vale para a comunidade de fé vale para a comunidade cósmica, planetária e humana: “a cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum” (1 Cor 12, 7). Isto nunca é apenas humano, mas cósmico. Princípio diferenciador de um lado, o Espírito é fator de comunhão do outro lado.¹⁹

Esta breve exposição pode ser fundamento para uma nova espiritualidade cósmico-ecológica no pentecostalismo, pois, a partir da visão da teologia cristã, a qual afirma o universo criado no Espírito, pode-se afirmar o universo pentecostal desde a sua origem, pois fora do Espírito Santo não há vida. Assim, toda a criação é pentecostal. Todos os seres vivos são pentecostais apenas por sua existência, por serem vivos, pois é o Espírito Santo quem os sustenta. Já o homem, é pentecostal também por sua própria existência, obra do Espírito vivificador, e, diferente dos outros seres,

¹⁹ Cf. BOFF, 2004, p. 227-228.

por sua livre decisão e aceitação da revelação cristã. Chegando o homem a sua plena realização quando viver uma vida plenamente pentecostal, ou seja, viver toda a vida no Espírito Santo.

3 UMA ESPIRITUALIDADE ÉTICO-ECOLÓGICA PARA O PENTECOSTALISMO

O pentecostalismo é um movimento de avivamento espiritual, e põe a experiência do sagrado no centro da religião, como uma reação a todo racionalismo e formalismo religioso. Assim, os pentecostais podem falar de ecologia a partir de uma categoria espiritual, própria de sua identidade. Sem dúvida, os fundamentos teóricos produzidos por todos os ecólogos, os quais nos põem a parte da realidade em que se vive são indispensáveis, também para os pentecostais envolvidos nesta causa. Todavia, a maneira de lidar, internalizar e anunciar estes fundamentos devem ser feitos com o jeito pentecostal, anunciando uma eco-espiritualidade. Esta, por sua vez, implicará em uma nova forma de relacionar-se com a Terra.

Uma das grandes características da espiritualidade pentecostal clássica é sua ênfase na conversão. A santificação é um tema constante entre as Igrejas pentecostais. Com a pregação acentuando a volta iminente de Cristo, os fiéis são chamados a separar-se do mundo e viver uma vida toda dedicada ao Senhor. Esta compreensão escatológica gerou nos pentecostais um grande rigorismo moral, causador de controvérsias no seio do movimento. A austeridade em questões como vícios de álcool ou fumo, lazeres considerados mundanos, vestes consideradas impróprias para os cristãos e, especialmente, questões relacionadas à sexualidade, ocuparam um lugar de destaque no pentecostalismo.

Como se percebe esta ética assumida pela maioria dos pentecostais refere-se apenas a uma moralidade pessoal, individual, ela não possui ne-

nhuma relevância comunitária, social. Não encontramos numa pregação pentecostal o conceito de pecado estrutural, por exemplo, ou, de pecado ecológico.

Um primeiro passo para uma espiritualidade ecológica pentecostal é verdadeiramente uma ‘conversão ecológica’. Unido ao apelo: “você aceita Jesus como seu único Senhor e Salvador?”, que implica uma nova postura ética; faça-se a todos os pentecostais já convertidos um novo apelo: “você aceita verdadeiramente a Deus como o Criador de todas as coisas?”, assim haverá uma nova postura ética para com todo o cosmos, um amor cuidadoso para com toda a criação.

Esta conversão ecológica não parece ser uma opção, mas deve-se à própria crise meio-ambiental sofrida pela humanidade. Segundo o grande moralista Marciano Vidal, ela deve ser compreendida em seus justos termos, longe da ingenuidade, a qual supõe pensá-la apenas como um fenômeno de nosso tempo, mas longe também de minimizá-la, argumentando que sempre assistimos a destruição do meio, em vista da atividade humana. Situar o problema em seus justos meios significa reconhecer estarmos diante de um fenômeno qualitativamente diferente, dado que a organização industrial e a exploração dos recursos estão solapando equilíbrios ecológicos globais, e não apenas locais, pondo em risco a própria sobrevivência da humanidade.²⁰

Somente assumindo um paradigma ético ecológico, a espiritualidade pentecostal poderá contribuir no cuidado da casa comum, e gritar com o teólogo João Batista Libanio: “Não! Não podemos sacrificar no altar do capital a vida da humanidade de hoje e de amanhã, o respeito com todo ser vivo, o cuidado do jardim da Terra”.²¹ Então, para Libanio, a ética ecológi-

²⁰ Cf. VIDAL, 1999, p. 784.

²¹ LIBANIO, João Batista. *Ética do cotidiano*: obra póstuma do teólogo João Batista Libanio. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 89-90.

ca estabelece um princípio maior do agir humano: viver de modo que tudo o que fizeres gere vida para ti, para os outros humanos, para o conjunto da criação.²²

Esta nova postura ética dependerá de uma nova espiritualidade pentecostal, reconhecedora da sacralidade de toda a natureza pela atuação do Espírito Santo nela, já fundamentada na parte dedicada a pneumatologia, mas, aqui, reforçada por um magnífico pensamento de Jüngen Moltmann:

o Deus criador do céu e da terra está presente em cada uma de suas criaturas e na comunhão da criação através de seu Espírito cósmico. A presença de Deus penetra todo o universo. Deus não é somente o criador do mundo, mas também o Espírito do universo. Através das forças e das possibilidades do Espírito, o Criador faz morada em suas criaturas, vivificando-as, mantê-las na sua existência e as conduz para o futuro do seu Reino. Nesse sentido, a história do universo, da criação, é a história dos efeitos do Espírito Divino.²³

Com esta sensibilidade para com a presença do Espírito em todo o universo, Leonardo Boff costuma citar um antigo dito de origem desconhecida: “o Espírito dorme na pedra, sonha na flor, acorda nos animais e sabe que está acordado nos seres humanos”.²⁴ O Espírito perpassa tudo; formamos um todo com e no Espírito. Que este impulso ético-espiritual fomente uma verdadeira revolução na espiritualidade pentecostal, por enfatizar a doutrina do Espírito Santo, e porque a sensibilidade é uma marca de sua espiritualidade, tem grandes condições de compreender melhor a sacralidade de toda a criação pela ação do Espírito. Este novo paradigma espiritual deve permear todas as dimensões da espiritualidade pentecostal, como a dimensão profética, por exemplo, pode ser direcionada à denúncia

²² Cf. LIBANIO, 2015, p. 90.

²³ MOLTSMANN, Jürgen. *Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 33.

²⁴ BOFF, 2013, 190.

dos crimes ecológicos. A cura pode ser aplicada em projetos visíveis à cura do meio ambiente. As línguas estranhas podem ser uma atitude de unidade para com todas as criaturas, as quais com sua existência, constantemente cantam no Espírito. O Louvor pode ser uma atitude de fascinação, encantamento diante da natureza. Entre outras características espirituais.

4 PENTECOSTALISMO, ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM FAVOR DA CASA COMUM

Independente da religião ou da cultura, todos habitamos a mesma casa comum: o planeta Terra. O destino do planeta Terra é o destino de todo o gênero humano. Por ser uma casa comum, a preocupação e o cuidado com esta casa é responsabilidade de todos os que nela habitam. Ora, os pentecostais também habitam esta casa comum, e, por isso, é dever também dos pentecostais, contribuírem na missão ecológica.

O teólogo Adriano Sousa Lima, argumenta que a mudança no contexto social e cultural exige uma nova postura das Igrejas pentecostais. Para ele, o contexto de pluralismo religioso e cultural constitui-se num grande desafio para o pentecostalismo. E, o relacionamento das denominações pentecostais com as outras tradições religiosas deverá passar do sectarismo, fundamentalismo e fechamento para uma busca de aproximação, diálogo e cooperação.²⁵

A causa ecológica é um campo onde os pentecostais podem exercer a cooperação com as demais Igrejas cristãs e outras religiões em seu serviço para com o mundo. A relação entre ecumenismo e ecologia é um sinal profético para os nossos tempos, pois, o termo *ecumenismo* deriva do grego

²⁵ Cf. LIMA, Adriano Sousa. *O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades*. In: 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR. 2013, São Paulo. Diversidades e (In)tolerâncias religiosas. São Paulo: USP, 2013.

oikumene, designando a ‘terra habitada’. Este ocorre no Novo Testamento significando o ‘mundo inteiro’ (Mt 24, 14). A raiz deste termo é *oikos*: significa casa, lugar onde se mora, espaço habitável e habitado. O termo ecologia também provém da mesma palavra grega *oikos* (casa) juntamente com *logos* (conhecimento). Ecologia é a ciência ocupante da casa comum: o meio ambiente, a natureza, a Terra. Ecumenismo e ecologia possuem em sua raiz o termo casa, podendo assim apontar uma missão comum: cuidar da casa comum (mundo) e da família comum (todo o gênero humano) que habita esta casa. Estas são duas missões inseparáveis e complementares, pois a família necessita do lar (missão ecológica) e a família deve conviver em paz (missão ecumênica). Assim, a união entre ecumenismo e ecologia desperta a consciência de todos os seres humanos como uma família comum habitando uma casa comum. A família, unida em uma mesma casa, cuidará tanto de seu lar comum quanto da justiça e do direito para com todos os que a habitam, especialmente os mais necessitados e sofridos desta casa.²⁶

Um exemplo de cooperação ecumênica, refletindo sobre os problemas ecológicos, é a Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano de 2016, promovida pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) a cada cinco anos, e esta edição possui como tema ‘*Casa comum, nossa responsabilidade*’. Porém, nenhuma Igreja pentecostal é membro do CONIC, e, conseqüentemente, os pentecostais não contribuem nesta reflexão conjunta com sua visão de mundo. O que aconteceria se estivessem engajados no diálogo ecumênico, enriquecendo as outras tradições cristãs com sua teologia e espiritualidade próprias.

Outro marco relacionado ao ecumenismo e a ecologia, é o Lançamento da Encíclica *Laudato Si’*, do Papa Francisco, a qual trata do cuida-

²⁶ ROSA, André Luís da. Ecumenismo e ecologia: por uma família comum cuidando da casa comum. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC. n. 72, v. 3, p. 181-196, 2016, p. 191-192.

do para com a casa comum. Ela não diz respeito apenas ao catolicismo, pois, pode-se afirmar ser esta uma Encíclica ecumênica, e, ainda mais, uma Encíclica laica e científica. Em sua introdução, no número 3,²⁷ o Papa Francisco diz que esta Encíclica é dirigida a todas as pessoas habitantes deste planeta. Ela tem recebido elogios de teólogos de diversas tradições, portanto, também os pentecostais podem aproveitar de seu rico conteúdo analisando-a sob sua própria ótica.

Além do engajamento pentecostal em organismos ecumênicos que busquem refletir e agir em favor da casa comum, os pentecostais também podem abrir-se ao diálogo inter-religioso e intercultural, pois, em nosso contexto, os países latino americanos possuem um caráter de várias etnias, e, por consequência, multicultural. As culturas indígenas, camponesas e afro-americanas presentes em nosso continente, possuem formas próprias de pensar e de sentir a Terra, muito diferentes das do capitalismo, na qual muitas vezes predomina o discurso pentecostal.²⁸ Estes compreendem a terra como dom, como presente a ser cuidado, como fonte de vida, como nossa Mãe, e não como algo a ser conquistado e explorado sem limites.

Os pentecostais não podem ficar indiferentes diante dos problemas globais, como o ecológico, pois este movimento já alcança cerca de 500 a 600 milhões de adeptos. O diálogo pentecostal com toda a aldeia global é uma necessidade, pois, segundo Leonardo Boff, a irrupção da consciência da Terra como nossa pátria e mátria comum de todos os seres, funda um novo paradigma civilizatório. Este, por sua vez, colocará no centro não este ou aquele país ou bloco geopolítico e econômico; esta ou aquela cultura ou religião, mas a Terra, sendo ela pertencente toda a humanidade, composta por filhos e filhas da Terra,

²⁷ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato 'si*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. p. 10.

²⁸ Cf. SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 76-77.

humanidade entendida como a própria Terra que alcançou o estágio de sentimento, de pensamento.²⁹

Qual causa mais nobre para os pentecostais do que engajarem-se na salvaguarda da criação de Deus que encontrasse ameaçada? Uma coisa é realidade:

nos damos conta de que tudo depende da salvaguarda da Terra e da manutenção das condições de sua vida e reprodução. Nenhum outro projeto tem sentido, pois lhe falta a precondição fundamental, exatamente a sobrevivência da Terra e dos filhos e filhas da Terra.³⁰

O processo de construção de um ethos mundial em torno da Terra torna-se o momento propício para o pentecostalismo estabelecer novas relações com as outras Igrejas, religiões e culturas, superando modelos eclesiais auto-referenciais, sectários, e promover o Reino de Deus no mundo, lutando pela paz e pela justiça, neste caso, com a criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito no início deste breve artigo: ele é apenas uma motivação para que teólogos pentecostais aprofundem a questão, um impulso para novas, profundas e criativas pesquisas. Creio haver algo que os pentecostais podem dizer ao movimento ecológico, e há muitas coisas sobre ecologia a serem aprendidas pelos pentecostais. Como um movimento de redescoberta do Espírito Santo, agora é o momento de redescobrir a presença Dele em todo o universo, em toda a natureza. Descobrimos esta ação misteriosa do Espírito em todas as coisas, desenvolver uma nova postura ético-espiritual diante da Terra, numa unidade profunda com todas as coi-

²⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Ethos mundial*: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 22.

³⁰ BOFF, 2009, p. 23.

sas por meio do Espírito Santo. Oxalá os teólogos pentecostais brasileiros sintam-se interessados em aprofundar estas questões, para que a voz pentecostal seja ouvida como uma voz comprometida com a casa comum de toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *A Trindade a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Record, 2009

_____. *O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e pai dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato 'si*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

GILBERTO, Antônio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

LIBANIO, João Batista. *Ética do cotidiano: obra póstuma do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

LIMA, Adriano Sousa. *O diálogo inter-religioso nas Assembleias de Deus: desafios e possibilidades*. In: 1º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR. 2013, São Paulo. Diversidades e (In)tolerâncias religiosas. São Paulo: USP, 2013.

_____; BOFF, Clodovis Maria. A pneumatologia realista de Michael Welker: contribuições para a pastoral da Assembleia de Deus. *REB*. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, v. 75, n. 298, p. 351-368, Abr./Jun., 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

ROSA, André Luís da. Ecumenismo e ecologia: por uma família comum cuidando da casa comum. *Encontros Teológicos*. Florianópolis: FACASC. n. 72, v. 3, p. 181-196, 2016.

SANCHES, Regina Fernandes. Contribuições de uma Teologia Bíblica Integral do Espírito Santo para a Pneumatologia Pentecostal. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988.

VIDAL, Marciano (Org.). *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Vida, 2011.